

UMA CONVERSA COM KANAVILLIL RAJAGOPALAN: FASCISMO, TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E O TRABALHO A PARTIR DA LINGUAGEM COMO *PRAXIS*

Junia Claudia Santana de Mattos Zaidan¹

O Professor Rajagopalan nos encontra no corredor de um dos prédios que abriga os cursos de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. É o segundo dia do IV Congresso Nacional de Estudos Linguísticos (CONEL) e o interrompemos em uma das sessões coordenadas a que assiste para gravarmos nossa entrevista. Seu interesse em se inteirar das pesquisas e temas discutidos no congresso, bem como do posicionamento dos pesquisadores locais sobre os desdobramentos da crise política desde 2014 conduz nossa conversa enquanto caminhamos pelo *campus* de Goiabeiras, rumo à sede do sindicato dos docentes, onde gravaremos a entrevista. Nesse trajeto de poucos minutos, seus comentários e perguntas dão a ver uma preocupação que consideramos paradigmática de seu percurso acadêmico, com notório lastro em toda sua produção: a relação inalienável entre a ciência linguística e a sociedade. Os desafios atualmente impostos à classe trabalhadora pelos movimentos contrarrevolucionários na América Latina, com seus correlatos regressivos em diversas partes do mundo nos instigam nesse diálogo com um linguista de expressivo trânsito entre diversas áreas de estudo e cuja perspectiva sobre a linguagem e a sociedade é notadamente marcada pelos Estudos Pós-Coloniais e Estudos Culturais, campos que, se por um lado, nos deixam como legado possíveis trilhas para a superação do eurocentrismo e do epistemicídio dele resultante, precisam ademais ser analisados em face de seus limites em relação às alegadas lacunas do marxismo para nossa compreensão e transformação da sociedade contemporânea.

JZ: Considerando sua trajetória e seu trânsito por diversos campos, como a Linguística, a Linguística Aplicada, a Filosofia, a Educação, poderia comentar sobre o que temos vivido no mundo hoje e a possibilidade de análise da sociedade a partir do problema da linguagem? O contexto inclui o ressurgimento e fortalecimento do fascismo, crises migratórias, a erosão das democracias dos governos progressistas da América Latina, o acirramento do discurso de ódio de várias formas, em vários níveis e atingindo diversos grupos sociais. Registrem-se casos recentes, como a agressão a Judith Butler e Wendy

¹ Para o Observatório de Tradução, concedida à Professora Junia Mattos Zaidan, em novembro de 2017 (CONEL - UFES). O vídeo da entrevista está disponível em www.observatoriodetraducao.ufes.br.

Brown, no aeroporto de Congonhas, em São Paulo; o espaço que supremacistas brancos têm ganhado nos Estados Unidos; a execução de líderes políticos ligados às causas populares; o extermínio da juventude negra, entre outros eventos.

KR: Minha trajetória se deu aos trancos e barrancos. Você sabe que eu comecei na Índia. Quando terminei a graduação não tinha a menor ideia de que entraria na academia e fui estudar desenho. Sou formado em Propaganda e Publicidade. Trabalhei em agência de publicidade, depois fui cartunista, jornalista, ou seja, como bom indiano “pastei” na vida. Foi um caminho tortuoso, mas interessante em relação à linguagem. A língua é muito mais uma questão política do que linguística, na Índia. Sempre foi e sempre será assim. A Índia se dividiu entre Índia e Paquistão como desdobramento de questões religiosas, mas também linguísticas. O Paquistão, por exemplo, declarou o urdu como língua nacional, já a Índia teve que encarar logo o multilinguismo, seriamente, então a língua nacional da Índia se resume a uma política de três línguas: todas as crianças são obrigadas, pra completar o estágio de alfabetização, a aprender a ler e escrever três escritas diferentes. Todos os indianos sabem disso. Os indianos que foram alfabetizados falam, no mínimo, três línguas. O analfabetismo é gigantesco na Índia, até hoje, mas todos os que foram alfabetizados falam pelo menos três línguas, entre elas o inglês, em vários graus de proficiência. Então, a língua enquanto questão política sempre esteve presente no meu imaginário, por isso, para determinar as respostas às perguntas que você levanta, hoje, esta situação no mundo, com tanto ódio, o ressurgimento do purismo, eu acho imensamente lamentável. Todos nós concordamos com isso, mas o que me assusta é que parece que as memórias da 2ª Guerra já estão atrás, 50, 60, 70 anos. As pessoas esqueceram tudo. Nós estamos voltando à barbárie daquele tempo. Olha só o que está acontecendo nos Estados Unidos, com Donald Trump. Você falou da supremacia branca. Em relação ao ataque brutal em Charlottesville, o Trump declara que há culpa dos dois lados. Não é isso, gente. Diante de Deus e do diabo, não há escolha. Não se pode dizer que os dois lados estejam fazendo barbárie igual! Não! Deus é Deus e o diabo é o diabo! Não pode misturar essas coisas! Ou seja, nessa política de titubear e relativizar todos os dois lados têm os seus pecados. É uma forma de contornar isso. Contornar o quê? Contornar o ressurgimento do racismo e o ódio geral pelas minorias, pelos estrangeiros. Tudo isso está voltando. O ódio contra estrangeiro agora está colocado como ódio de refugiados, ódio do outro. Coitados dos mexicanos que estão sofrendo as consequências nos Estados Unidos. Eles viraram os vilões latinos e estrangeiros. Não podemos nos calar. Enquanto a gente tiver força de respirar, a gente tem que botar a boca no trombone e gritar.

JZ: Sua atuação como intelectual sempre esteve comprometida em denunciar e enclausuramento da linguística enquanto campo teórico, denunciar a negligência das questões da sociedade pela pragmática linguística. Gostaria de relacionar esse seu incômodo que descrevi com a proposta de uma Linguística Aplicada Crítica. Suas principais obras que também apontam para a noção de “crítico” são “A Linguística que nos faz falhar”, de 2004 e “Por uma Linguística Crítica”, de 2003. A partir de Alastair Pennycook (2001), a Linguística Aplicada Crítica se define com base em princípios diretamente ligados à escola de Frankfurt e ao marxismo. Posso argumentar que há um afastamento da Linguística Aplicada Crítica deste conjunto teórico ao ponto de estarmos testemunhando a comoditização do ‘crítico’?

KR: Você fez uma pergunta ótima! Colocou o dedo na ferida! Eu também sou grande admirador daquele livro do Alastair Pennycook (*Critical Applied Linguistics: a critical introduction*, 2001). Alastair teve um embate com Norman Fairclough sobre o que é ser ‘crítico’. O que Alastair está dizendo é que, se você adotar uma postura crítica, você não pode partir do ponto de vista de que, ao fazê-lo, por si, está num lugar privilegiado. Uma postura crítica se resume nessa ideia de que eu posso estar errado, mas até que você me convença que eu estou errado, eu vou defender esta minha posição. Essa é a postura mais saudável. Eu concordo em número, gênero e grau com Alastair sobre isso. Agora, você mencionou a escola de Frankfurt. Um grande herói pra mim foi o Horkheimer, naquele ensaio sobre uma teoria crítica e uma teoria tradicional. Vou tentar descrever brevemente: ele disse, olha, o que é uma teoria tradicional? Para construir uma teoria tradicional você olha para o mundo, apanha os dados, coloca todos os dados enfileirados para produzir proposições, constatações. Em seguida, você amarra essas constatações e tira conclusões. É a teoria perfeita dentro da perspectiva tradicional, que obedece à lógica do silogismo: a primeira premissa, a segunda premissa, logo, a conclusão, ponto final. Fechou. Quanto mais você amarra essas proposições, mais robusta é sua teoria. Para construir uma teoria crítica, Horkheimer diz, você olha para o mundo, verifica uma série de iniquidades, uma série de crueldades. Tem gente usufruindo de tudo e tem gente à margem. O teórico crítico faz apenas uma observação da ordem existencial. Ele diz pra ele mesmo e para o mundo: “As coisas não precisavam ser assim! As coisas não precisavam ser assim!” Se tiver essa consciência, você está tomando uma postura crítica. Não é estar interessado em organizar o mundo, em explicá-lo. É fazer algo pelas pessoas que não têm voz, nem vez, e estão sendo perseguidas, trucidadas, nesse exato momento. O que você está fazendo em prol dessas pessoas?

JZ: Em publicação recente, Claudiana Nogueira e Dina Ferreira (2016) referem-se ao seu trabalho e à sua voz como uma ‘voz do sul’, ou seja, como alguém que contribui para a construção de epistemologias do sul. Falando sobre essa ligação do teórico, do analista, do estudioso com a vida social, a questão que levanto é: o modo como as abordagens críticas dentro da Linguística, dentro da Linguística Aplicada, dos Estudos Culturais, da Sociologia, da Antropologia, dentro dos diversos campos que têm tomado certas bandeiras ou subsidiado discussões a partir de grupos sociais minoritizados, têm ocasionado a inviabilização de uma luta coletiva devido à diluição da força, à diluição da potência para a luta por mudança social, que acaba se concentrando nas políticas de identidade relacionadas às questões étnico-raciais, às questões de sexualidade, às questões de gênero, em detrimento da luta contra a pobreza e da questão de classe?

KR: É uma pergunta interessante. Eu acho que a luta de classes definida economicamente foi o grande grito de guerra do marxismo clássico. Naquele tempo isso era extremamente importante. Passado esse tempo, não estamos vivendo somente essas lutas. As sociedades estão presenciando lutas, que não são meramente econômicas, muito embora muitas delas também acabem tendo impacto econômico direto. A luta está sendo travada em várias frentes, seja no campo da sexualidade, de gênero, raça, país de origem, cor da pele, entre outras. Não se pode negligenciar ou privilegiar uma luta. O pensador crítico tem que se conscientizar de que em várias frentes as pessoas estão sendo marginalizadas. Então, se é para levantar uma bandeira você tem que ter essa consciência plena de que essa bandeira tem que olhar para todos os marginalizados, entendeu? Todos, seja qual for o motivo.

JZ: Qual é a chance, a partir dessa pulverização, de construirmos um novo modo de vida que supere a lógica capitalista, que é de fato a grande lama, o fundo de poço no qual estamos todas e todos? O biopoder (as relações de poder) que sustenta o capitalismo (relações de produção) não se vale do discurso das alteridades enquanto fluxos domesticáveis, para obliterar a luta de classes e assim neutralizar a potência da luta contra a pobreza?

KR: Neste exato momento, eu acho que nós estamos na defensiva, não tenho como contestar isso. Eu acho que nós temos que lutar pela nossa própria sobrevivência porque quem está com a faca e o queijo na mão é o capitalismo internacional. Isso está espalhado em todos os lugares, alinhado à extrema direita, ao nacionalismo e a todo tipo de postura política repugnante. Estão andando de mãos dadas, conspirando contra tudo. Então, nesse exato momento, a nossa única chance é garantir a nossa sobrevivência e preparar as lutas que virão,

espero eu. Eu não sei se vou estar vivo para presenciar isso. O que a gente não pode fazer nesse momento é entrar em total desespero e dizer que está tudo perdido. Se a gente achar isso, está perdido mesmo.

JZ: **Você faz uma releitura de Austin que produz um distanciamento da consagrada leitura searleana e griceana, o que tem grande relevância para a Pragmática. No Brasil, a Pragmática recentemente fez um aceno no sentido de se organizar mais, de promover o intercâmbio entre pesquisadores através da fundação da Associação Brasileira de Pragmática, em 2014, por iniciativa da professora Helena Godoy, em Curitiba, juntamente com Daniel Silva e outros colegas muito importantes para a nossa área. Como você entende a consolidação do que tem chamado ‘Nova Pragmática’, há cerca de sete anos da publicação do *Nova pragmática: faces e feições de um fazer*, seguido da coletânea *Nova pragmática: modo de fazer*, organizada por pesquisadores, cujo percurso intelectual se deu em interlocução com sua visada sociológica deste campo. Além da afirmação da natureza inerentemente ética e política da Pragmática, o estabelecimento da Nova Pragmática também tem sido descrito como um gesto, um performativo, talvez eu poderia dizer um gesto descolonial, uma afirmação das vozes do sul, da América Latina, uma política contra o epistemicídio promovido pelo discurso hegemônico da ciência, da filosofia, notadamente marcados pela perspectiva eurocêntrica que a pragmática linguística reforça, certo? Temos como dizer que se consolida essa Nova Pragmática?**

KR: Eu tenho esperança que sim. Você citou alguns nomes que me são muito caros: Claudiana Nogueira, Dina Ferreira, Daniel Silva, Joana Plaza e tanta gente jovem que está trabalhando com a perspectiva que chamo ‘sulista’ mesmo. Isso me dá muita esperança. Eu acho que essa guinada sulista da pragmática é a conscientização em relação ao caráter político da linguagem, entende? Eu me lembro do ano que passei lá nos Estados Unidos, em contato com John Searle. Minha maior divergência com o Searle era exatamente o fato de ele se esquivar de qualquer questão humana. Como filósofo, ele era completamente comprometido com essa ideia de ciência pura. Eu comecei a ter bronca dessa palavra, ‘teoria’. A gente não precisa de teoria. A gente tem que fazer práxis mesmo, práxis é muito mais importante que teoria. Eu acho que teoria não é pré-condição para a práxis. Teoria é o fim das coisas. Se alguma coisa que a gente conseguir fazer for teorizável é lucro, mas isso não é pré-condição, entendeu? A vida é muito mais uma questão de práxis do que de teorização. Isso é uma inversão completa de valores.

JZ: Uma questão que o professor Patrick Rezende sugeriu que lembrássemos, tendo em mente as jovens pesquisadoras e pesquisadores que podem estar lendo esta entrevista, é que a Pragmática emerge, no final dos anos 70, como um movimento contracorrente, uma vez que se posicionava, até certo ponto, em oposição às descrições linguísticas, que não consideravam o contexto. Na atualidade a Pragmática parece ter criado posturas metodológicas bem delineadas e assumido uma postura hegemônica dentro dos estudos da linguagem. Esse problema aponta justamente para essa pragmática a que você resiste, que você tenta ressignificar e propor que seja ‘nova’. Por que um campo que era considerado o “*underground*”, a cesta de lixo da linguística torna-se hegemônico e alinhado ao discurso epistemicida?

KR: Infelizmente, a forma como a gente leva a academia no Brasil e no mundo é assim mesmo. A gente quer criar impérios, feudos. Eu acho que essa criação dos feudos é o fim do espírito acadêmico. A academia tem que lutar contra isso, entendeu? Toda vez que eu sinto a emergência de feudos, a minha tendência é essa: sai de baixo, eu não quero mais. Eu acredito muito mesmo que o espaço acadêmico tem que ser de liberdade, de pensar, sem medo de agredir, sem ficar dentro da teoria. A teoria cega mais do que ajuda a enxergar. A raiz da palavra ‘teoria’ inscreve a ideia de ver, enxergar, iluminar? Mas, na verdade, a teoria cega mais do que qualquer outra coisa.

JZ: Dentre muitas das epistemologias europeias que promoveram epistemicídios gerais no sul do mundo está o conceito de língua. Em muitos dos seus textos você problematiza o conceito de língua e fala das implicações dessa problematização. Você argumenta sobre a possibilidade de, livrando-nos de conceitos herméticos e puristas de língua, podermos abrir caminhos para superar a nossa própria condição de subalternidade, por exemplo. Você reiteradamente argumenta que a língua não é uma entidade ontológica, mas política, e que precisa ser pensada a partir de sua inscrição no hibridismo e um hibridismo de partida e não como um hibridismo supostamente consequente da mobilidade geográfica. Nossa leitura de sua obra nos insta a duvidar da ideia de um hibridismo como um acidente de percurso que fez com que se hibridizassem as línguas. Diante do que temos testemunhado ultimamente no Brasil e no mundo, você diria que temos vivenciado um fracasso coletivo, enquanto linguistas, linguistas aplicadas (os), filósofas (os) da linguagem, um fracasso em reconceituar a linguagem, já que a violência crescente em todos os âmbitos da vida social se constrói na/pela da linguagem? Temos fracassado nessa reconceituação, nessa reformulação da língua?

KR: Eu não sei se é fracasso. Eu acho que o nosso recado ainda não chegou aonde deveria chegar. A grande massa ainda é atraída pela ideia de “pureza”. Veja bem, o linguista Christopher Hutton escreveu um livro fantástico sobre a linguística moderna, intitulado *Theory and the Third Reich: Mother-tongue, Fascism, Race and the Science of Language* (1999). Ele recupera esta discussão, mostrando como o Terceiro Reich foi exatamente o supra-sumo do pensamento linguístico que começou no século XIX. O século XIX foi interessante porque foi o século que conseguiu fundir uma série de conceitos que estavam lá desde os séculos anteriores, mas, no século XIX, juntaram tudo, a ideia de nação, pátria, país, língua. Cada país tem que ter uma língua, cada povo tem que ter uma língua, cada povo tem que ter um Estado. Até hoje, o impacto disso é muito grande. A gente acha que se não tiver uma língua, que se o nosso Estado não tiver uma língua, tem alguma coisa errada. Eu me lembro quando comecei, no início da década de 60, a frequentar aulas de Linguística na Universidade de Delhi, na Índia. Eu achei tudo muito estranho. A primeira coisa que estranhei foi a afirmação do Noam Chomsky, no *Syntactic Structures* (1957), livro recém-saído do forno. Ele dizia que a teoria linguística dizia respeito ao falante nativo da língua. Pensei, “eu tô errado nessa... eu não pertencço a esse exemplo!” Eu fui criado falando três ou quatro línguas. Então, qual é a minha língua materna? Na Índia, quando a gente escolhe a língua materna, a gente está fazendo uma opção política. Por exemplo, eu tinha língua materna e língua paterna, língua “caserna”, língua “da mesa” porque meus pais falavam idiomas diferentes. Entre si, eles falavam inglês a maior parte do tempo. E isso não era considerado algo esquisito. Quando li o Chomsky pela primeira vez, pensei: eu estou ficando esquisito, não? Mas, hoje em dia, as estatísticas da Unesco mostram que, no mundo inteiro, há mais multilíngues do que monolíngues. No continente da África inteiro você encontra pessoas falando três ou quatro línguas. Na Ásia também. Então, essa invenção, essa língua que a gente fala é uma invenção europeia.

JZ: É justamente o mito de monolinguismo que faz com que muitas vezes, no Brasil a gente dê mais atenção à língua oficial, em detrimento das outras línguas, já que o português não é a nossa única língua. Na Linguística Aplicada, especificamente, muita atenção tem sido dada à língua estrangeira que se aprende na escola ou que se ensina nos cursinhos particulares. Se examinarmos os anais ou o caderno de resumos do nosso último congresso da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), realizado no Rio de Janeiro em julho de 2017, notamos que uma porcentagem muito grande das(os) brasileiras (os) estuda questões relacionadas ao inglês. As pesquisas concentram-se, majoritariamente, na língua inglesa e no ensino do inglês, ao passo que,

comparativamente, pouquíssimos investigam as línguas indígenas ou outras línguas que constituiriam problemas de pesquisa importantes para se investigar num país latinoamericano. Poderíamos dizer que, no Brasil, temos uma Linguística Aplicada um tanto quanto colonial?

KR: Sim, eu sinto muito que ter de dizer isso. Não é simplesmente abraçando a bandeira da Linguística Aplicada que você se liberta. Não, isso não garante nada. Ainda há pessoas que dizem que estão fazendo Linguística Aplicada, mas estão rezando pela cartilha da velha Linguística, que é essa carga política que está embutida na Linguística que o leva a aceitar tudo sem nenhum questionamento. Ainda bem que temos muitos pesquisadores dentro do campo da Linguística Aplicada, como Luís Paulo da Motta Lopes, que estão pensando diferente. Eu lembrei do Luís Paulo, mas posso citar tantos outros nomes. A Linguística aplicada é a área que tem o maior número de pesquisadores, atualmente, que estão pensando diferente, mas isso não garante que a Linguística Aplicada seja uma área que está a salvo. A gente precisa ter mais Luís Paulos, mais Marildas Cavalcanti.

JZ: Na Linguística Aplicada brasileira, muitas pesquisas são ligadas ao ensino do inglês. Eu gostaria de levantar uma questão sobre a relação entre o campo da pesquisa, as pesquisadoras e a escola. O meu foco é sempre a escola pública, a escola que eu penso, a escola onde eu estou, pela qual me interesso como um espaço de pesquisa. A escola pública é um espaço da coletividade, gratuito, laico. Pelo menos, supostamente laico, até agora, considerando que nós estamos sob um golpe de Estado. Não sabemos até quando será um espaço gratuito e laico, já que, no momento, há todo tipo de projetos em andamento, como, por exemplo, o projeto chamado “Escola sem Partido”. Poderíamos dizer que a mesma relação violenta que existe entre o cientista e o leigo, a respeito do que se pode conhecer, do que se considera conhecimento válido; a mesma relação violenta que existe, por exemplo, entre Europa e o sul do mundo, existe também entre a universidade e a escola? Esta relação da universidade e da pesquisa, de um modo geral, com a escola, se dá nessa base violenta?

KR: A palavra que você deveria estar usando é elitização de conhecimento. Eu acho que nós temos uma tendência muito forte de elitizar a academia. A academia, o pensamento acadêmico é muito elitizado. Daí a distância entre a escola pública, a escola lá fora e a academia. A academia se distancia da sociedade. Infelizmente, isso tem acontecido e é muito grave mesmo. O discurso acadêmico muitas vezes se torna tão hermético, você já reparou isso? A gente não consegue mais falar português. A gente só fala “academês”, como se tivesse uma necessidade de criar uma nova língua que só entre nós, a gente entendesse e

ninguém mais. Por que não falar um português que qualquer um possa entender? Por que tem que falar essa linguagem tão hermeticamente fechada para a sociedade? Acho que nós temos culpa sim. A gente precisa repensar realmente nossa função como acadêmicos. Esse problema também é por falta de consciência crítica. Por que não estamos fazendo todo esse trabalho em prol da sociedade? Em prol das pessoas que mais precisam do nosso pensamento? É como se a gente não estivesse ligando pra isso. Agora, a internet também trouxe, de certa forma, distanciamento da academia em relação ao povo. A gente fica na sala com ar condicionado, conversando com Nova York: “*como é que está o tempo aí em Nova York? Fantástico!*” De repente, você sente um cheiro de fumaça e vê que uma região ao seu lado está pegando fogo. Daí, seu colega lá em Nova York está com a televisão ligada e a CNN está falando que uma favela pegou fogo. Ele sabe disso antes de você. “*Obrigado por avisar*”. Então, não temos contato com nossa sociedade, estamos apenas nas “altas esferas”. Isso é muito trágico!

JZ: Esse alheamento em relação à realidade social se reflete no argumento de que a universidade e a escola são espaços assépticos, supostamente neutros em que se produz conhecimento, se ensina de modo desconectado da vida social, esta última, eivada de disparidades, desigualdades e injustiça. O enunciado que decorre desse alheamento é o de que posicionar-se é uma tentativa de impor a própria interpretação do mundo e de doutrinar o outro. Promove-se, por esta visão, a total despolarização da escola, da universidade, da pesquisa e da vida. Você poderia comentar sobre o movimento Escola sem Partido?

KR: É muito triste. É uma confusão tremenda entre o que é política e o que é politicagem. Eles estão confundindo política com politicagem, como se a gente pudesse falar sobre qualquer coisa desconetado política. Não, isso não existe, gente! Isso é triste! Eles estão vendendo o peixe deles, argumentando que a gente tem que se posicionar contra politicagem. Ninguém está contra isso! Não significa que professor vá entregar santinho do candidato na eleição. Não é isso! Mas há um aspecto da política que vai muito além da politicagem, não é política partidária. Eles estão fazendo propositalmente isso para favorecer interesses mais escusos.

JZ: Uma das suas atividades nos últimos anos tem sido a atuação como um dos cinco editores da revista *Word* que é a mais antiga da área de linguística no mundo, tendo sido editada, pela primeira vez pelo linguista André Martinet. Poderia comentar sobre este trabalho?

KR: Quando me convidaram para integrar esse comitê editorial da revista, a única condição que apresentei foi de não nos submetermos à hegemonia do inglês americano e britânico. Não vem com essa história de que a revista só vai aceitar textos dessas variedades. Desde que seja legível, é aceito. Por exemplo, um texto pode conter expressões que não são idiomáticas no inglês americano e sim no inglês indiano e será aceito. É o que dizemos aos revisores. Só para ter uma breve introdução sobre a revista. A revista *Word* começou como a revista oficial da linguística do Circle of Nova York. Começou assim. Depois de Nova York, expandiram para os Estados Unidos, e depois, para o Canadá. Em seguida, virou a revista oficial de países anglófonos, e a última tacada foi uma expansão global. Por isso me convidaram: para matar dois coelhos com uma cajadada só, já que meu nome é inconfundivelmente indiano e estou no Brasil. Compreendo dois continentes.

Textos citados:

HORKHEIMER, M. 1983. Teoria tradicional e teoria crítica. In: CIVITA, V. (ed.). *Benjamin, Habermas, Horkheimer, Adorno: textos escolhidos*. São Paulo: Abril, pp. 125-162. (Coleção Os pensadores, v. 6).

HUTTON, C. *Theory and the Third Reich: Mother-tongue, Fascism, Race and the Science of Language*. London/New York: Routledge, 1999.

NOGUEIRA DE ALENCAR, C.; MARTINS FERREIRA, D. M. Rajagopalan interpretando Austin: descolonialidades na nova pragmática do hemisfério sul. In: *DELTA*, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 613-632, Dec. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502016000300613&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 Apr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445096771223497675>.

PENNYCOOK, A. *Critical applied linguistics: a critical introduction*. Londres: Routledge, 2001.

RAJAGOPALAN, K. *Nova pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola, 2010.

SILVA, D. N.; MARTINS FERREIRA, D. M.; NOGUEIRA DE ALENCAR, C. (Orgs.). 2014. *A Nova Pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez.

Obras do Autor:

Por uma Lingüística Crítica (Parábola, 2003);

A Lingüística que Nos Faz Falhar (em co-edição, Parábola, 2004);

Políticas em Linguagem: Perspectivas Identitárias (em co-edição, Editora da Mackenzie, 2005);

A Geopolítica do Inglês (co-edição com Yves Lacoste, Parábola, 2005);

Applied Linguistics in Latin America (John Benjamins, 2006);

Nova Pragmática: Fases e Feições de um Fazer (Parábola, 2010);

Um Mapa da Crítica nos Estudos da Linguagem e do Discurso (em co-edição, Editora Pontes, 2016).